

# O interacionismo radical de Athens em debate

Resenha (review) de 'Radical Interactionism on the Rise', organizado por Lonnie H. Athens<sup>1</sup>

**Betina Warmling Barros**

Mestranda do PPGS/UFRGS

Recebido em: 30/08/2018

Aprovado em: 24/09/2018

A série de livros *Studies for Symbolic Interaction* traz em sua edição nº 41 um compêndio específico de estudos que se localizam na interface entre a tradição do interacionismo simbólico de George Herbert Mead e os novos paradigmas estabelecidos pela versão radical da concepção interacionista, sobretudo a partir da produção do editor da obra, Lonnie Athens. O professor do Departamento de Justiça Criminal da Universidade de Seton Hall afirmou-se no campo criminológico a partir da sua teoria da violentização, com a publicação do livro *The Creation of Dangerous Violent Criminals* (1992). Contudo, sua contribuição para a teoria sociológica deu-se com o desenvolvimento do chamado “interacionismo radical” a partir das bases do interacionismo simbólico de Mead (1934), em diálogo com a corrente radical de Robert Park (1952).

Na busca por desenvolver essa temática, o livro em questão congrega, além de dois capítulos do próprio Athens, estudos de outros nomes da sociologia interacionista os quais buscam integrar certas compreensões do interacionismo radical àquelas próprias do feminismo, dos estudos críticos, do neo-pragmatismo e, sobretudo, do interacionismo tradicional de Mead e Herbert Blumer. Com o objetivo de apresentar um panorama geral da obra, esta resenha buscará retomar os principais pontos abordados nos capítulos eleitos por melhor cumprirem a tarefa de demonstrar a relevância do interacionismo radical de Athens para a teoria social.

Para o autor, o interacionismo radical congrega em uma única expressão a radicalidade do marxismo europeu com a versão americana da sociologia pragmática”. Seria um oxímoro, não fosse a crença na possibilidade de sintetizar as ideias de Mead e de Marx. Para convencer os leitores dessa possibilidade, o primeiro artigo de Athens no *Studies* pretende responder às seguintes questões: a) em que diferem as duas perspectivas interacionistas? b) realmente existem diferenças na importância dada ao exercício da dominação e do poder na sociedade humana? Se sim, quais importantes ramificações metodológicas decorrem de tais diferenças? e c) como essas duas perspectivas teóricas enfatizam os pressupostos não declarados durante a interação social? (ATHENS, 2013, p. 4).



Partindo do ponto em comum de ambas as teorias – a opção por fazer sociologia a partir das interações humanas – e das opções metodológicas de seus autores expoentes – Park e Mead valorizavam a observação naturalística –, a principal diferença para Athens estaria na diferença de ênfase dada às questões do poder e da dominação nos grupos humanos (Idem, p. 6). As concepções de Mead e de Blumer entendem que o exercício do poder se dá apenas por aqueles atores sociais que precisam competir pelo controle de um determinado ato social, diferente dos atos ditos “rotinizados” ou de cooperação, casos em que o poder e a dominação, segundo essa concepção, não ocorrem. De forma oposta, a teoria de Park, na visão de Athens, localiza o poder na integralidade dos atos sociais: também na cooperação social, o participante está sob dominação, mas nesse caso ele aceita a ordem, enquanto no conflito ele a rejeita ou a desafia (Idem, p. 9).

Nessa esteira, Athens afirma que o interacionismo radical entende que o sociólogo que ignora o poder e a dominação é considerado ingênuo metodologicamente, na medida em que tratar dessas operações de poder não seria apenas uma opção a cargo do investigador, conforme vinham pregando até então os adeptos do interacionismo simbólico (Idem, p. 10). Para o autor, portanto, um dos estudos empíricos representativos da teoria interacionista, como aquele de Howard Becker (1963) sobre os usuários de maconha, ao não levar em conta as relações de subordinação entre os participantes das interações sociais, acabou deixando de lado um importante aspecto da relação entre principiantes e veteranos no uso da droga: a chave para a compreensão do processo de aprendizado que levava certo agente a se tornar um usuário de maconha por prazer seria a conformidade genuína entre os subordinados e os ordenadores das instruções (ATHENS, 2013, p. 13).

Ao concluir o seu primeiro artigo da obra, Athens entra em desacordo com os filiados do que ele chama de fenomenologia linguística (como o próprio Blumer), na medida em que não seria necessário que o agente admitisse verbalmente estar em uma situação de dominação do grupo. Nesse sentido, o interacionismo radical concede maior proeminência às dinâmicas de dominação e poder na observação das interações, sobretudo quando se tratam de “operações veladas” (Idem, p. 16). Assim, se o interacionismo simbólico afirma suas bases teóricas em Mead e Blumer e na crença de que as questões da dominação na sociedade contemporânea, à exceção dos casos limites, já não são problemas de ordem vital, o interacionismo radical afirma sua força nas teorias de Park e Athens e na presunção de que o binômio dominação-poder continua sendo de grande importância para a compreensão da vida social.

No segundo texto proposto por Athens, o autor pretende a revisão daquele que talvez seja o conceito disparador da obra de George Mead: a noção de ato social. Ele então retoma a subdivisão do conceito (atos sociais cooperativos e conflitivos) e a importante definição de “símbolos significantes”, isto é, a comunicação verbal e gestual consciente que surge a partir da

transformação de simples “gestos” em sinais compreendidos pelos atores da interação. Assim, é o uso de símbolos significantes que torna possível para os seres ajustarem conscientemente a seleção e a performance de seus papéis em relação aos outros participantes, o que é necessário não apenas para a reflexividade, mas sobretudo para o alcance da sociabilidade (Idem, p. 32).

Na visão de Athens, contudo, o grande equívoco do dito pai do interacionismo seria a centralidade conferida à noção de sociabilidade, quando tal ênfase deveria ser posta na ideia de dominação, definida como situação em que o ser oscila conscientemente na construção de um ato social em acordo com suas próprias referências (Idem, p. 36). Assim, em suma, o autor desenvolve sua argumentação no sentido de afirmar as três principais mudanças necessárias à adequação da noção de ato social: a) a adição do *status social* ao conceito, retomando em Park a noção da ordem social que afeta diretamente a organização das nossas ações do dia-a-dia; b) a melhor distinção entre os papéis de subordinado e subordinante; c) a explicitação no conceito de símbolos significantes de que a interpretação do significado prescinde de uma ratificação por parte do receptor do símbolo. Realizadas tais alterações, poderia se falar em “ato coletivo”, o qual se fundamentaria no princípio da dominação em vez do da sociabilidade e seria a base fundante do “interacionismo radical”.

Após os dois primeiros capítulos da obra, que têm como principal objetivo fundamentar as bases do interacionismo radical de Park e Athens, o livro segue com a contribuição de diversos autores a respeito de tal corrente teórica em intersecção com seus próprios temas de estudo. É o caso do artigo de Antony Puddepath denominado “Em busca de uma explicação interacionista radical da ciência”, que aplica a lente radicalizada que Athens possui sobre a concepção de Mead sobre a ciência, na tentativa de fornecer um novo olhar interacionista aos estudos tradicionais do campo científico (PUDDEPATH, pp. 53-82).

Ao retomar a compreensão de Mead de que os cientistas individuais seriam produtos sociais, na medida em que há uma dialética entre o indivíduo e os sistemas coletivos de crenças, Puddepath acredita que a ciência seria uma instituição organicamente interconectada com outras instituições sociais. Diferentemente das concepções de Kuhn (1962), contudo, o processo científico não se fundamentaria em quebras de paradigmas inauguradores de novas “eras”, mas em mudanças radicais marcadoras de um progresso genuíno. Contudo, o que faltaria a Mead, na visão do autor, seria a compreensão de que a ciência possui suas práticas inseridas em um contexto de competição e desigualdade, uma vez que para o pai do interacionismo, a ciência está em um pedestal que envolve atores humanos e não-humanos.

Assim, Puddepath parte para uma retomada das concepções radicais do interacionismo, sobretudo a partir dos já descritos estudos de Athens sobre o tema, como a distinção entre os conceitos de poder, força e dominação e a afirmação da imprescindibilidade dos estudos

empíricos na compreensão da dominação (e não a assunção prévia dos atores sociais que a exercem) (PUDDPATH, 2013, p. 63). As questões a serem postas a partir do interacionismo radical ao campo da sociologia da ciência, portanto, interrogariam o quão poderosa é certa disciplina ou área acadêmica em relação às outras, ou como as instituições externas que são utilizadas em parcerias de pesquisa impactam na constituição do próprio campo.

Em vez de simplesmente olhar para essas questões com uma certa distância, o interacionista radical investigaria as trocas práticas que acontecem nos chamados “pontos de contato concretos” (Idem, p. 77). A ciência seria uma acumulação de artefatos culturais e materiais, e não simplesmente uma organização social abstrata. Ao fim e ao cabo, a radicalização do pensamento de Mead permitiria propor a indagação de como o processo criativo opera sob tais condições sociais, em que a socialização dos cientistas se realiza diante de correntes opostas de pensamento, a partir da formação das chamadas “gangues acadêmicas”, em uma retomada do conceito de Scheff (1995).

Por fim, em “Reflexões sobre poder e interseccionalidade”, Caroline Picart procura mostrar como o princípio da dominação interacionista radical combinada com uma abordagem interseccional, em vez de uma teoria binária de gênero, poderia produzir resultados frutíferos em novas áreas da teoria social. Em um primeiro momento, a autora traz sua própria experiência de vida, como mulher “de cor”<sup>2</sup>, para mostrar que o princípio da dominação sempre esteve presente na sua experiência como professora, partindo então para uma reflexão sobre o essencialismo biológico muitas vezes presente nos feminismos.

Sobre a chamada auto-etnografia realizada no capítulo, vale destacar que a autora chama atenção para a hierarquia criada como tática de sobrevivência de mulheres acadêmicas “de cor” com o objetivo de se instalar uma atmosfera de respeito e aprendizado entre elas e os estudantes, os quais costumam realizar avaliações bastante contundentes. Para a autora, essa percepção está em acordo com os *insights* de Athens sobre a natureza complexa do aprendizado da sobrevivência, na medida em que são efetivamente usadas estruturas de dominação implícitas na própria arquitetura da sala de aula (PICART, 2013, p. 197).

Nessa primeira parte do artigo, portanto, a autora pretende reafirmar aquilo que é normalmente levantado em círculos interacionistas, isto é, a relatividade e a necessidade de contextualizar, na observação das interações, o que se entende como “bom” e “mal” (Idem, p. 198). Na confluência da proposta de Athens de observar as relações de dominação no plano da microsociologia, Picart atenta para o fato de que questões de raça e gênero importam no momento de determinar se as estruturas de dominação são um “mal necessário”, mesmo quando se trata de uma situação do cotidiano, como a pedagogia da sala de aula.

No subitem “Privilégio e feminismos”, a autora então passa a realizar uma retomada de diversas críticas realizadas por teóricas feministas ao interacionismo simbólico e radical, na esteira, por exemplo, da produção de Deegan (2008). Para Picart, contudo, a autora não enxerga como a sua própria interpretação estaria pautada em um binarismo essencialista, em que as mulheres brancas acadêmicas possuiriam toda a verdade e seus colegas homens, seriam sempre “iludidos” (PICART, 2013, p. 200), aproximando-se sobremaneira da categoria “ética do cuidado” de Noddings (1984), teórica que também é alvo de críticas por parte da autora.

Em sua conclusão, Picart atenta para as possibilidades ainda em aberto de se utilizar a obra de Mead e Athens para o estudo de como a lei opera em relação aos princípios da sociabilidade e dominação. Em seus próprios trabalhos, afirma a autora, a descrição de como o poder se realiza se aproxima da caracterização de Athens do princípio da dominação, mas incluindo certa fluidez e flexibilidade, influência das considerações de Foucault e Butler sobre os “discursos disciplinares” (PICART, 2013, p. 210).

Assim, a autora termina por afirmar a necessária problematização dos binarismos presentes nas diversas críticas ao interacionismo radical. De todo modo, a corrente interacionista pautada nas concepções de Athens, a qual não ignora as forças do poder que podem disciplinar os agentes na performance de papéis previamente determinados, pode correr lado a lado das críticas *queer* e pós-coloniais aos discursos frequentemente invisíveis e igualmente “disciplinadores” de algumas feministas brancas privilegiadas.

---

## Notas

<sup>1</sup> O livro faz parte de uma série de publicações da mesma editora que pautam os estudos realizados no campo do interacionismo simbólico. A obra ora em análise é a edição nº 41 da série.

<sup>2</sup> Caroline Picart tem origem filipina.

## Referências

- ATHENS, Lonnie H. (ed.). (2013), *Radical Interactionism on the Rise (Studies in Symbolic Interaction, Vol. 41)*. Bingley, Emerald Group Publishing
- \_\_\_\_\_. (1992), *The Creation of Dangerous Violent Criminals*. Urbana, University of Illinois Press.
- BECKER, Howard. (1963), *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*. New York, The Free Press.
- DEEGAN, Mary Jo. (2008), *Self, War, and Society: George Herbert Mead's Macrosociology*. New Brunswick, Transaction Publish.
- KUNH, Thomas Samuel (1962). *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago, IL, University of Chicago Press.
- MEAD, George. (1934), *Mind, Self, and Society*. Chicago, University of Chicago Press.
- NODDINGS, Nel. (1984), *Caring, a Feminine Approach to Ethics and Moral Education*. Berkeley, University of California Press.
- PARK, Robert. (1952), "Human Communities: The City and Human Ecology". Em: HUGHES, Everett C. (ed.). New York, The Free Press.
- PICART, Caroline Joan S. (2013), "Reflections on Power and Intersectionality". Em: ATHENS, Lonnie H. (ed.), *Radical Interactionism on the Rise (Studies in Symbolic Interaction, Vol. 41)*. Bingley, Emerald Group Publishing, pp. 191-214.
- PUDEPPATH, Antony J. (2013), "Toward a Radical Interactionist Account of Science". Em: ATHENS, Lonnie H. (ed.), *Radical Interactionism on the Rise (Studies in Symbolic Interaction, Vol. 41)*. Bingley, Emerald Group Publishing, pp. 53-82.
- SCHEFF, Thomas J. (1995), "Academic Gangs". *Crime, Law and Social Change*, Vol. 23, pp. 157-162.

**BETINA WARMLING BARROS**  
 (barros.betina3@gmail.com) é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Porto Alegre, Brasil), e graduada em ciências jurídicas e sociais pela UFRGS.